

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Journal da Terra (S.P.) Class.: 06

Data 1 de agosto de 1981 Pg.: _____

Divirta-se

190



Bodanzky, Carreira e Gauer: sem sociologia.

Esta câmara, quase um diário da Amazônia.

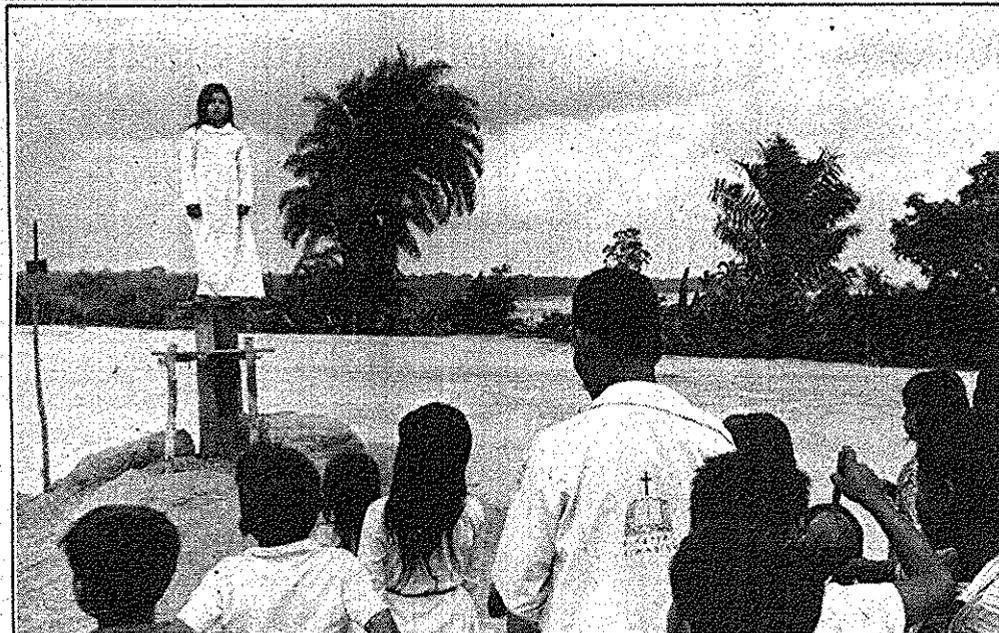
Antes de *Terceiro Milênio* (veja crítica ao lado), o paulista Jorge Bodanzky e o alemão, de Heidelberg, Wolf Gauer, já haviam realizado *Iracema* (liberado após vários anos mas ainda inédito em São Paulo), o belo *Os Muckers* e o documentário *Jari*, quando receberam do senador Evandro Carreira o convite para documentar sua viagem através da Amazônia. Conheciam o senador, presidente da CPI sobre a Amazônia, desde que este, ao participar de um programa de televisão em São Paulo em 1978, lhes pedira cenas de *Iracema* para ilustrar sua entrevista.

Para Bodanzky, "a viagem de cinco semanas foi uma constante surpresa. Não fizemos nenhum roteiro, simplesmente fomos usando a câmara como uma espécie de diário de bordo, com o senador funcionando como fio condutor, narrador e, ao mesmo tempo, personagem". Gauer acrescenta que "*Terceiro Milênio* é um retrato na medida do possível imparcial sobre a realidade amazônica. Não é um filme feito para promover um político, mas não se pode desvincular Carreira dessa realidade. Ele é um ser humano absolutamente autêntico no que diz e no que faz, é um líder político eleito com imensa maioria de votos, um personagem verdadeiro da Amazônia, tanto com os índios, os madeireiros, os fronteirões. A Amazônia é isso tudo. Seu estilo palavroso parecerá demagógico aqui para o Sul, mas é muito mais uma questão de estilo

local, onde os políticos ainda se expressam como na década de 30, do que propriamente demagogia. Ele acredita mesmo em tudo o que diz, ao contrário de um Maluf, por exemplo".

"Claro que nós queríamos dar a palavra ao índio", diz Bodanzky, "mas o que aparece no filme é a pura realidade. É o registro de como essas coisas se passam em nosso País, com o diálogo entre quem reivindica e quem intercede nunca chegando ao fundo das coisas. Tivemos também a preocupação de não tornar o filme didaticamente chato: o cinema talvez não seja o melhor lugar para uma discussão de sociologia".

As cinco semanas de viagem renderam um total de 15 horas de filme. "Foi uma loucura transformar isto em apenas 90 minutos", explica Gauer, que retornou da Amazônia com uma série de típicas doenças tropicais. "Optamos por montar o filme dentro da cronologia da viagem, tirando todo o excesso e ao mesmo tempo preocupados em manter um equilíbrio, uma visão imparcial." O resultado deste trabalho pode ser visto a partir de hoje no Pequeno Auditório do Masp, onde *Terceiro Milênio* ficará em cartaz durante um mês. Depois, seguirá os passos de *Jari*, visto até agora por cerca de 110 mil pessoas e exibido em mais de 300 pontos diferentes, como sindicatos, escolas, associações de bairros e grêmios estudantis.



Terceiro Milênio: denunciando uma amarga realidade.

Uma tocante mistura de Chacrinha e Coppola

Terceiro Milênio — Direção, Jorge Bodanzky e Wolf Gauer. Som, David Pennington. Montagem, Inês Villares. Com a participação do senador Evandro Carreira. Produção 1981, Brasil. Em exibição no Pequeno Auditório do Masp. Horários: de segunda a quinta, às 19 e 21h; sextas e sábados, às 18, 20 e 22h; domingos, às 15 e 17h.

Uma equipe de apenas três pessoas, uma viagem de cinco semanas, nenhum roteiro preestabelecido, filmagem em 16mm — obviamente uma produção alternativa, realizada fora dos padrões do mercado. Os realizadores Bodanzky e Gauer acompanham o senador amazonense Evandro Carreira numa viagem de barco através dos rios Solimões, Javari e Içá, indo até Coari, Tefé e Tabatinga, passando por terras dos índios Maiuruna e por aldeias da Nação Ticuna. Um filme de constatação e denúncia, retrato de uma amarga realidade.

A Amazônia devastada, os desmandos e a corrupção da Funai, a propagação de seitas religiosas onde o amor é substituído pelo temor e a solidariedade pela repressão e pela expiação, as dificuldades do diálogo entre os que reivindicam e os que por óbvios interesses prometem ajuda e apoio. A essência da natureza tropical, o ritmo lento, a ausência total de recursos, o abandono. *Terceiro Milênio* registra tudo isso, como se deve esperar. E vai além: sem didatismos, embora de forma parcimoniosa, concede a palavra às vítimas dessa situa-

ção, até agora quase sempre dubladas pela sofisticada e solidária, porém descartada até a insensibilidade, retórica intelectual. Madeireiros espoliados, os sem-pátria, os guias delirantes de paraísos onde se chega apenas pelo sofrimento e sobretudo os índios, falam na primeira pessoa.

Como fala também, e intensamente, o senador Carreira, autoproclamado arauto e guardião de uma era nova. Aparentemente, o filme aposta em sua sinceridade, mas não disfarça os inquietantes contornos de sua personalidade: caboclo e urbano, espiritualista e pragmático, visionário e personalista. E, em todos os momentos um grande intérprete de si mesmo. Algo assim como uma mistura de Chacrinha com o malandro feiticeiro Don Juan dos delírios de Castañeda e o sinistro mistah Kurz do "Heart of Darkness", de Joseph Conrad.

Esta referência leva a dimensão mágica e fantástica de *Terceiro Milênio*: à viagem propriamente dita, ao contato com a natureza (o que é quase uma violação) e sua misteriosa energia, à revelação e conhecimento de desgarrados componentes da espécie humana. Um "Apocalypse Now" sem ficção e ao mesmo tempo um filme próximo do também bonito e revelador *Estrada da Vida*, de Nelson Pereira dos Santos. Em qualquer dos extremos, obrigatório e tocante.

Edmar Pereira